

## PATRIMÔNIO CULTURAL E IDENTIDADE LOCAL: UMA EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO COM GIBI EDUCATIVO E ROTA PELA CIDADE DE CUIABÁ-MT

Cultural Heritage and Local Identity: A Mediation Experience Through an Educational Comic Book and Urban Route in Cuiabá, Brazil.

**Thaís Reis Mazine**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável/UFMG

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-7430-0049>

[arq.thaismazine@gmail.com](mailto:arq.thaismazine@gmail.com)

**Mariana Petry Cabral**

Orientadora, Professora adjunta do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0305-5341>

[nanacabral75@gmail.com](mailto:nanacabral75@gmail.com)

**Contribuição ao VI Simpósio Interdisciplinar de Pós-Graduação e Pesquisa (VI SINPE)**

### RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência vinculado a uma pesquisa de mestrado em andamento, cujo objetivo principal é compreender de que forma diferentes metodologias de educação patrimonial podem estimular novas percepções dos jovens sobre a cidade e seus bens culturais. A atividade foi realizada em Cuiabá-MT, em 2023, com duas turmas do segundo ano do Ensino Médio do IFMT, e dividida em duas etapas complementares: a leitura e discussão da história em quadrinhos *TLEC: Uma Viagem pelo Patrimônio Cultural de Cuiabá* e uma visita guiada por pontos relevantes para a história da cidade. A proposta buscou articular o uso da linguagem dos quadrinhos à experiência do caminhar como estratégias pedagógicas para fortalecer vínculos com o espaço urbano e valorizar o patrimônio cultural local. Para avaliar os efeitos dessas ações, a pesquisa adota uma abordagem metodológica que inclui revisão bibliográfica, entrevistas, formulários aplicados aos participantes e registros audiovisuais das mediações, todos realizados com consentimento prévio. A análise se concentra na forma como os estudantes percebem e reinterpretam os bens culturais antes e depois das atividades, contribuindo para o debate sobre práticas inovadoras de mediação patrimonial em contextos escolares e urbanos e a busca de uma educação patrimonial mais participativa e crítica.

**Palavras-chave:** Educação Patrimonial; gibi educativo; Cidade; Mediação cultural; Adolescentes.

### ABSTRACT

This paper presents an experience report linked to an ongoing master's research project, whose main objective is to understand how different heritage education methodologies can encourage young people to develop new perceptions of the city and its cultural assets. The activity took place in Cuiabá-MT, in 2023, with two second-year high school classes from IFMT, and was divided into two complementary stages: the reading and discussion of the comic book *TLEC: A Journey Through Cuiabá's Cultural Heritage* and a guided tour of sites relevant to the city's history. The proposal aimed to combine the use of comic book language with the practice of walking through the city as

pedagogical strategies to strengthen students' connection with urban space and to promote appreciation of local cultural heritage. To assess the impact of these actions, the research adopts a methodological approach that includes a literature review, interviews, questionnaires applied to participants, and audiovisual recordings of the mediation sessions, all conducted with prior consent. The analysis focuses on how students perceive and reinterpret cultural assets before and after the activities, contributing to the broader debate on innovative heritage mediation practices in school and urban contexts, and promoting a more participatory and critical approach to heritage education.

**Keywords:** Heritage Education; Educational Comic Book; City; Cultural Mediation; Teenagers.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo relata uma experiência que, a partir da discussão de conceitos, destaca a importância de debater a educação cultural e a utilização da cidade como ambiente educador, visando aproximar os jovens de seus bens culturais de forma consciente. A experiência, uma mediação piloto desenvolvida em duas etapas, se desdobra em uma pesquisa de mestrado, que busca através das reflexões presentes nesse artigo, conectar atividades familiares e o cotidiano urbano por meio de metodologias não tradicionais de ensino, incentivando uma percepção crítica do patrimônio cultural e envolvendo escola, família e comunidade. Essa abordagem dialoga com a perspectiva freireana, rejeitando a "educação bancária", em que o professor apenas deposita conhecimento nas mentes de estudantes, e defendendo uma "educação libertadora", que deve problematizar e transformar, a medida que é uma constante busca que visa com que os educandos transformem o mundo em que vivem (Freire, 1987).

A identidade cultural é abordada como um processo vinculado à memória e ao patrimônio, elementos que fortalecem laços geracionais e o senso de pertencimento. Como afirma Santos e colegas (2023), a preservação do passado serve como guia para enfrentar as incertezas do presente e do futuro, ideia reforçada por Barros (2013). Além disso, os patrimônios urbanos possuem uma "força simbólica" na construção identitária dos cidadãos. No entanto, em Cuiabá-MT, o centro histórico enfrenta esvaziamento e degradação devido a políticas públicas ineficientes, o que prejudica a relação da população com seu patrimônio. Segundo Gonzales e Bel (2009), as rápidas transformações na paisagem geram um sentimento de perda, tanto individual quanto coletivo, evidenciando tensões entre preservação histórica e crescimento urbano (Guimarães, 2023).

Dentro dessa perspectiva, existe a reflexão da educação patrimonial como recurso para estreitar os laços da sociedade com suas heranças culturais, a fim de promover o senso de responsabilidade na valorização e conservação do patrimônio (Moraes, 2005). Essa reflexão, não deve ser apenas na

materialidade, mas inclui todos os aspectos da cultura, como cita Gilberto Gil<sup>1</sup> “[...] Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital e todas as formas de espiritualidade da nossa gente. O intangível, o imaterial.”

Contudo, em Cuiabá–MT, as políticas de preservação ainda são insuficientes, pois não estabelecem diálogo com a comunidade, priorizando apenas bens que representam uma parcela restrita da população (Alves *et al.*, 2023). Oliven (2009) critica os "guardiões do patrimônio", que seriam órgãos com poder de definir aquilo que deve ser preservado, estes reproduzem um "discurso autorizado" (Smith, 2021), impondo decisões de cima para baixo sem participação social. Nesse contexto, Scifoni (2022) enfatiza a urgência de uma educação patrimonial no Brasil que proponha uma nova abordagem pedagógica, inserindo o debate no âmbito educacional e superando a hierarquia tradicional entre ensinar e aprender.

Dentro da área da educação, existe uma dificuldade por parte de professores/as em superar a hierarquia professor-estudante, influenciada pela formação tradicional, ainda predominante nas escolas. Tunes e colegas (2005) destacam duas visões sociais sobre o docente: o "jardineiro", que cultiva o aprendizado sem interferência (educação permissiva), e o "escultor", que molda o aluno conforme o currículo (educação autoritária). Ambas são criticadas por teóricos como Freire (1987) e Murphy (1988), o último afirma: "o educador jardineiro não tem confiança suficiente; o escultor tem-na em excesso" (Murphy, 1988, p. 90).

Apesar da consciência crítica, às demandas curriculares e prazos rígidos dificultam a ruptura com práticas opressoras, agravadas pelos desafios da era digital e pela falta de formação docente adequada para atender estas novas realidades (Leite, 2019). Propõe-se, então, uma educação cultural libertadora, que promova a relação horizontal entre professores/as e estudantes, reconhecendo ambos como agentes ativos no processo de aprendizagem. Para Freire, esse reconhecimento é importante para a transformação do mundo em que vivemos, onde as pessoas se tornam “sujeitos da denúncia do mundo, para sua transformação” (Freire, 1987, p.98)

O autor ainda revela que “a educação não é a chave para a transformação, mas é indispensável. A educação sozinha não faz, mas sem ela também não é feita a cidadania” (Freire, 1996, p.57-58). Nesse sentido, a educação patrimonial, embora não resolva todas as desigualdades na patrimonialização (Alves *et al.*, 2023), pode incentivar uma vivência crítica dos bens culturais,

---

<sup>1</sup> Este depoimento de Gilberto Gil encontra-se no artigo Educação e Patrimônio Cultural: por uma nova atitude, de Luiz Fernando de Almeida, atual presidente do IPHAN/ Ministério da Cultura, publicado na Revista Por Dentro da História, ano I, no I, Contagem Prefeitura Municipal de Contagem apud ANDRADE. O patrimônio na perspectiva da diversidade. In: Livro I – Produção de Materiais Didáticos para a Diversidade: Práticas de Memória e Patrimônio numa perspectiva interdisciplinar. Labepeh/UFGM – Secad/ME CAED/UFGM, 2010.

integrando escola, família e cidade, conforme a realidade local. Busca-se uma metodologia que estimule essa conscientização, respeitando as particularidades dos estudantes e do contexto escolar.

Por essa razão, na presente pesquisa, atuo como mediadora, e não como professora, nas atividades desenvolvidas. O professor da turma, Leosan Sampaio, que fez o convite para a atividade, também assumiu um papel participativo na mediação, distanciando-se das figuras do "jardineiro" ou "escultor". Como afirma Freire (1996, p. 12): "A reflexão crítica da prática é uma exigência da relação teoria/prática, sem a qual a teoria irá virar apenas palavras, e a prática, ativismo [...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender." O mediador cultural não tem a função de ensinar, mas de ouvir, compreender e compartilhar a diversidade do patrimônio, criando um espaço de diálogo e questionamento livre, dessa forma, o/a professor/a também pode ser mediador.

Para romper com a rigidez da sala de aula tradicional na educação patrimonial, foi produzido o gibi TLEC, um material didático em formato de história em quadrinhos (HQ), desenvolvido como trabalho de conclusão de curso por uma das autoras (Thaís Mazine) em 2023. Inspirado na crítica de Freire (1987) à "educação bancária", o gibi busca tornar o aprendizado cultural mais dinâmico e menos formal. Conforme Gabriel de Mattos (2009), as HQs são utilizadas como recurso pedagógico desde os anos 1960, justamente por sua capacidade de transmitir conhecimentos de forma acessível e atrativa.

O gibi não atua isoladamente na mediação cultural, estando necessariamente vinculado à experiência concreta do espaço urbano. Como destaca Jaqueline Moll (2009), utilizar a cidade como espaço de memória e afeto é essencial para compreendê-la como ambiente dinâmico, constantemente transformado e apropriado por seus habitantes. Gadotti, Padilha e Cabezero (2004) complementam que a cidade se torna educadora quando há intencionalidade pedagógica em suas dinâmicas, sugerindo que a articulação entre escola e o conceito de "cidade educadora" pode questionar a lógica capitalista de urbanização - que privilegia interesses econômicos de minorias em detrimento das manifestações culturais locais.

Nesse contexto, torna-se relevante avaliar os impactos do uso de materiais não-convencionais (como HQs) em mediações culturais escolares, especialmente quando associados à vivência direta da cidade. Como observa Callai (2005), essa combinação torna a aprendizagem mais atraente e significativa, promovendo conexões efetivas entre estudantes, espaço urbano e bens culturais presentes em seu cotidiano.

## 2. OBJETIVOS

Esta pesquisa, conforme citado, faz parte da pesquisa de mestrado de uma das autoras, e tem como objetivo compreender como diferentes métodos de educação patrimonial podem trazer um novo

olhar dos jovens em relação à cidade e aos bens culturais. No caso da pesquisa presente neste estudo, busca-se compreender como a HQ, vinculada ao caminhar pela cidade, fortalece novas narrativas e perspectivas diante do espaço urbano e dos bens culturais presentes no cotidiano dos alunos.

### 3. METODOLOGIA

A fim de planejar, desenvolver, aplicar e avaliar o uso do gibi como ferramenta para a educação patrimonial, foi realizado um levantamento teórico abrangente, com base em referências sobre educação, educação patrimonial, o uso de gibis como ferramenta educativa e história de Cuiabá. Em relação ao planejamento da pesquisa, essa modalidade de estudo apresenta uma estratégia flexível e orientada para a obtenção de conhecimento aplicável em contextos específicos, o que a classifica como de natureza aplicada, conforme destacado por Gil (2012).

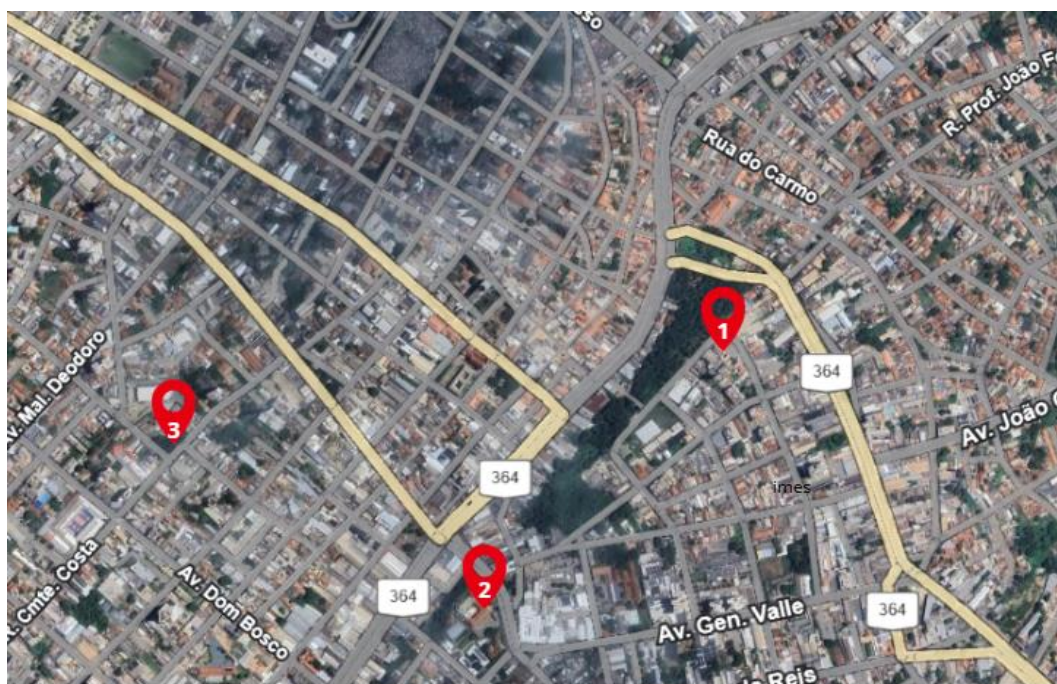
A mediação ocorre em duas etapas: leitura do gibi em sala e rota pela cidade. Primeiramente, para a etapa da mediação em sala de aula, foram escolhidas duas turmas de segundo ano do ensino médio da instituição IFMT (Instituto Federal de Mato Grosso), com a colaboração do professor de história da turma, Leosan Sampaio. Cada turma continha cerca de 30 estudantes, com idades entre 16 e 18 anos. Em sala de aula, os alunos foram questionados sobre conceitos de “patrimônio” e “patrimônio cultural”, durante a leitura, pausas foram feitas para dar ênfase a determinados momentos do gibi, como a apresentação de edificações que não existem mais ou questionamentos como quem construiu a cidade e que materiais e técnicas são utilizados. Para coleta de dados, foram aplicados formulários virtuais e entrevistas com os/as estudantes, com intenção de captar suas percepções do patrimônio antes, durante a leitura e principalmente após a mediação.

Após a mediação em sala, a segunda etapa foi a rota pela cidade, os/as estudantes foram levados/as a fazer um passeio guiado pela cidade de Cuiabá–MT, onde foram estimulados/as a observar o espaço urbano de forma mais atenta, os locais visitados foram escolhidos pelo professor previamente, foram eles: Mesquita Muçulmana de Cuiabá, Museu da Arte Sacra de Mato Grosso e Museu da Caixa d’água velha (Figura 1), estes locais são referenciados no gibi, ou diretamente (como o caso do Museu de Arte Sacra), ou indiretamente, quando os personagens mencionam as alterações na cidade. Durante a mediação, registraram-se com fotos e vídeos a reação dos estudantes<sup>2</sup>. Objetivava-se, com esta metodologia, compreender se a percepção dos estudantes em relação à cidade e aos bens patrimoniais é alterada após a mediação.

---

<sup>2</sup> Todas as atividades e suas gravações realizadas com a turma foram autorizadas pelo corpo docente e coordenação da instituição IFMT-Campus Cuiabá, e foram utilizadas exclusivamente para pesquisa e sua divulgação nas redes sociais do projeto (@caminhos.patrimônio).





- 1- Mesquita muçulmana
- 2- Museu de Arte Sacra
- 3- Museu da caixa d'água velha

**Figura 1** - Mapa da localização dos locais visitados.  
Fonte: Google Earth, adaptado pela autora, 2025.

#### 4. O GIBI TLEC E A CIDADE DE CUIABÁ

Conforme apresentado, o gibi TLEC: uma viagem pelo Patrimônio Cultural de Cuiabá (Mazine, 2023) foi a ferramenta utilizada para a primeira parte da mediação (figura 2). O material é resultado do trabalho final de graduação de uma das autoras (Thaís Mazine), defendido em 2023, com orientação da Profa. Dra. Luciana Mascaro e mentoria do cartunista Mario Cau. Os desenhos foram produzidos à mão, com aquarela e caneta nanquim, e editados nos programas *Photoshop* e *Illustrator*.



**Figura 2** - Capa e páginas do gibi TLEC: uma viagem pelo patrimônio cultural de Cuiabá.  
Fonte: Arquivo da autora, 2023.

O gibi TLEC conta a história da cidade de Cuiabá, explorando sua transformação urbana e aspectos do patrimônio cultural, como paisagem, pavimentação, morfologia urbana, fauna, flora, linguajar, música e saberes tradicionais. A afetividade é utilizada como ferramenta para o (re)conhecimento do patrimônio, uma abordagem essencial para sua valorização e preservação (Brasil, 2023).

Na narrativa, os personagens Peri, uma capivara, e Juma, uma onça-pintada, viajam no tempo, observando as mudanças na capital mato-grossense. O nome Peri foi escolhido por sua origem Tupi, etnia indígena presente no estado, significando "alguém flexível". Suas roupas foram inspiradas nas vestimentas típicas do grupo de dança Flor Ribeirinha, conhecido pelo Siriri<sup>3</sup>. Outros personagens foram criados com base na fauna pantaneira, e suas vestes foram elaboradas a partir de pesquisas em fotografias de cada período retratado (figura 3).



**Figura 3** - Desenho dos personagens Peri, Dona Maria e Quinco, com o referencial das roupas.  
**Fonte:** Arquivo da autora, 2023.

Juma, por sua vez, recebeu esse nome em referência à personagem da novela Pantanal, uma mulher que se transformava em onça. Na HQ, ela é uma cuiabana que inicialmente não se identifica com a cidade, mas, ao acompanhar Peri em sua jornada, passa a se reconhecer como parte dela, adotando até mesmo o vocabulário local e demonstrando vontade de "passar a palavra". A trama conduz o leitor por uma viagem histórica que dialoga com moradores, abordando questões críticas, como o papel das pessoas escravizadas na construção da cidade e a descaracterização de prédios históricos sem consulta popular. A obra evidencia como a história urbana foi marcada por violências e apagamentos. Em suas andanças, Peri interage com feirantes da Praça da Mandioca<sup>4</sup> e é convidado

<sup>3</sup> Siriri é uma dança típica cuiabana, conhecida por suas roupas coloridas, a dança é realizada por homens e mulheres.

<sup>4</sup> A atual praça da Mandioca é local onde ocorria a antiga Feira da Mandioca, conhecida por este nome por ser local de trocas comerciais de mercadorias que chegavam na cidade pelo porto, principalmente pela venda de farinha de mandioca.

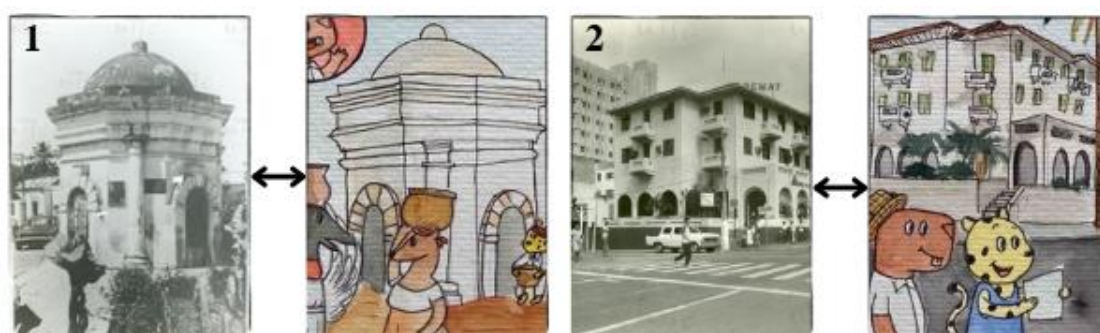


para um Tchá-co-bolo<sup>5</sup>. Ele também visita quintais cuiabanos, outrora comuns, repletos de árvores frutíferas do cerrado, importantes para a segurança alimentar (Amaral, 2016). Esses espaços, que trouxeram o apelido de Cidade Verde à capital, hoje cedem lugar à identidade de Cidade do Agro.

Conforme já citado, o gibi utiliza o reconhecimento afetivo como estratégia para aproximar o leitor do cotidiano e do patrimônio cultural, como destaca Guerra (2011), o afeto tem papel fundamental na ativação do processo de aprendizagem, essa afetividade vem através do contato com os personagens que conversam com Peri e Juma. A jornada de Juma simboliza a construção da identidade cuiabana por meio das vivências urbanas. Além disso, a obra questiona a ideia de que a preservação deve significar imobilidade, como destacam Oliveira et al. (2019), "A preservação do patrimônio [...] não deve estar alinhada à ideia de congelamento, mas na necessidade de (re)apropriação dos espaços, bem como na criação de novos, levando em consideração seus usos, olhares e fazeres sociais." Essa visão está presente na postura de Peri, que não rejeita a modernização, mas defende que ela seja feita com respeito à história e aos moradores.

O gibi ganhou repercussão na mídia local, sendo tema de uma reportagem no programa É Bem Mato Grosso<sup>6</sup>, com entrevistas do professor de geografia Bruno Chico (EE Prof. Heliodoro Capistrano) e da arquiteta Maria Bárbara Guimarães (mestre em preservação pelo IPHAN), que destacaram a importância do material para a educação patrimonial. A partir da divulgação, o professor Leosan Sampaio (IFMT- Campus Cuiabá) convidou a autora para uma mediação com suas turmas do ensino médio, utilizando o gibi como recurso didático, que se desdobraram nesta pesquisa.

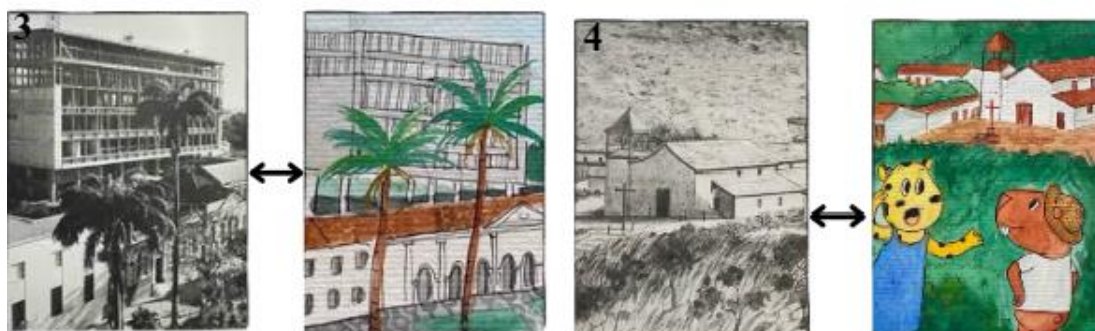
O material também apresenta desenhos de fotos e mapas históricos da cidade, feitos a partir de imagens retiradas de arquivos históricos (figura 4). Essas imagens funcionam como uma forma de comparar a cidade antiga e a atual.



<sup>5</sup> Chá com bolo, ou, "Tchá co bolo", é a expressão usada pelos cuiabanos para se referir ao café da manhã ou café da tarde, em que se serve chá ou café com bolo (geralmente bolo de arroz).

<sup>6</sup> Thais Mazine. Educação patrimonial através de historia em quadrinhos- reportagem é bem Mato Grosso, Cuiabá: TVCA, É Bem MT, 2024. 1 vídeo (6:33 min). Disponível em: <https://youtu.be/mGiUEnwyphY> Acesso em: 17 jul. 2025.





**Figura 4** - Cenas do gibi TLEC ao lado de referências retiradas de arquivos históricos.  
**Fonte:** Foto 1, 2 e 3- Arquivo MISC. Foto 4- Freitas, 2011. Desenhos autorais, 2023.

Ao tratar-se da cidade de Cuiabá, é perceptível as tensões entre o velho e o novo, refletido nas alterações em fachadas, pavimentação, paisagem e principalmente na malha urbana (Guimarães, 2023). Seu Centro histórico, teve tombamento definitivo pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural em 1988 e homologado pelo Ministério da Cultura em 1992, em 2007, a nível Estadual, houve o tombamento do Conjunto Arquitetônico do Antigo Distrito D. Pedro II- Porto (Figura 5 e 6), região onde se deu o início da ocupação por bandeirantes na cidade (Freire, 1997). Entretanto, diversas alterações e descaracterizações ainda ocorrem em ambas as áreas, resultado da desarticulação entre prefeitura, órgãos de preservação e população.



**Figura 6** - Localização da cidade de Cuiabá-MT.  
**Fonte:** Google Maps, adaptado pela autora, 2025.



**Figura 6 - O Centro e o Porto Históricos em Cuiabá-MT.**  
**Fonte:** Souza; Azevedo, 2024.

Ao mesmo tempo, existe uma força simbólica na patrimonialização de bens, sem a busca da conexão com a população. Essa ruptura não ocorre por acaso, mas resulta de um processo histórico de escolhas patrimoniais controlado por instituições e grupos privilegiados. Conforme evidenciam Martins (2022) e Guimarães (2018), o SPHAN - atual IPHAN - foi criado por uma elite intelectual que definiu parâmetros de valorização cultural baseados em seus próprios padrões. Apesar dos esforços recentes do órgão em ampliar a participação social (Brasil, 2023), sua atuação ainda carrega marcas dessa origem excludente, mantendo-se como "guardião" das decisões sobre o que deve ser conservado (Alves; Deus, 2023). Esta realidade também é presente na capital mato-grossense.

Dessa forma, o objetivo não é simplesmente conservar os bens culturais em seu estado original, como relíquias intocáveis, mas sim problematizar seus significados e torná-los mais acessíveis à população, integrando-os à história viva da cidade. É fundamental ainda refletir sobre quais monumentos são eleitos como patrimônio e de que maneira sua preservação e monumentalização impactam a memória coletiva e o espaço urbano. Santos (2007) argumenta que, ao tomar o patrimônio arquitetônico local como base para a educação, fortalece-se a cidadania, pois os laços identitários são reforçados quando a comunidade é incentivada a reinterpretar sua própria história. Assim, a valorização do patrimônio deve estar vinculada a uma postura crítica e dialógica, evitando a perpetuação de discursos de poder excludentes. Como destaca Schwarcz (2024), os patrimônios carregam um profundo poder simbólico, sendo os monumentos instrumentos capazes de criar e



consolidar narrativas históricas.

## 5. A MEDIAÇÃO CULTURAL EM CUIABÁ

Dessa forma, nosso objetivo com a mediação cultural é provocar reflexões sobre quais narrativas estão sendo perpetuadas e quais patrimônios são privilegiados na preservação, questionando também quem ergueu esses espaços e quem de fato os habita hoje. Scifoni (2019) demonstra que a educação patrimonial convencional acaba por reforçar a visão institucionalizada pelo Estado, que seleciona bens culturais de acordo com interesses dominantes, reproduzindo "um espelho que é parcial, desigual e, portanto, distorcido da sociedade" (Scifoni, 2022, p. 3). Para a autora, superar essa mentalidade autoritária é fundamental para construir uma nova pedagogia patrimonial - uma prática constante de questionamento e ressignificação do conceito de patrimônio e dos discursos que o cercam, transformando essa comunicação num ato crítico, dialógico e, por essência, político. Diante disso, investigamos como o gibi e as caminhadas urbanas podem se constituir como metodologias verdadeiramente emancipatórias na educação patrimonial, capazes de romper com os paradigmas tradicionais.

À vista disso, a mediação com as duas turmas de Ensino Médio iniciou-se com um questionamento sobre o que vem à mente quando ouvem a palavra "patrimônio" e "patrimônio cultural". A primeira trouxe diversas respostas relacionadas a dinheiro e herança; a segunda, a edificações oficiais como a Igreja Nsa. Sra. do Rosário e São Benedito (figura 7), ou à natureza como "O pantanal", além de festas como "A Festa de São Benedito"<sup>7</sup>. Foi perceptível que ninguém da turma relacionou o patrimônio cultural com sua própria comunidade, uma percepção que reforça o impacto do discurso autorizado do patrimônio, citado por Smith (2021), evidenciando que a turma não reconhece o patrimônio cultural como algo próximo, relacionado a suas vivências ou de suas famílias.

---

<sup>7</sup> A Festa de São Benedito é uma festividade religiosa que ocorre na cidade de Cuiabá, tradicionalmente, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A celebração começa no fim do mês junhonho, chegando a durar quase um mês em comemorações.



**Figura 7** - Localização da Igreja do Rosário e São Benedito.  
**Fonte:** Mapa Google Earth, adaptado pela autora, 2025.  
**Foto igreja:** Gcom/MT - Rafaella Zanol

A leitura do gibi foi coletiva e participativa, com interpretação das vozes e sotaques das personagens, o que trouxe diversão aos/às estudantes que interpretavam e ouviam; a cada página do gibi, eles e elas viam desenhos da cidade antiga, que eram apresentados paralelamente com imagens reais da cidade em projetor na sala. Durante e após a leitura em sala, surgiram diversas questões sobre o que é patrimônio cultural. Discutiu-se que patrimônio cultural não se restringe a edificações isoladas determinadas por um grupo, mas envolve a importância dos próprios estudantes nesse papel.

Debates ocorreram durante a mediação, com falas de um estudante afirmando que “pagando bem, eu derrubo qualquer coisa”, demonstrando o pensamento vigente de que a preservação significa retrocesso e congelamento, reflexo da ideia capitalista de ocupação da cidade, que promove a apropriação comandada por “quem paga bem”. Ao mesmo tempo, a maior parte da turma reprimiu o estudante ao dizer a fala citada, nesse momento, eu (a mediadora) e o professor pedimos aos alunos para que não vaiassem o colega e que aquele era um espaço aberto ao debate, nesse sentido, ele teria liberdade de dizer sua opinião e a partir disso, poderíamos dialogar, a turma então ficou em silêncio. Nesse momento o professor Leosan utilizou a proximidade afetiva como abordagem para a conversa, por ser professor da turma durante todo o ano letivo, sua relação com estudantes era mais próxima. Ao citar uma situação hipotética em que o Cemitério Piedade, próximo à escola e o mais antigo da cidade, fosse substituído por um estacionamento ou um shopping, o mesmo aluno que defendeu a “modernização” disse “mas com isso não se mexe né professor, aí não pode”, demonstrando alteração



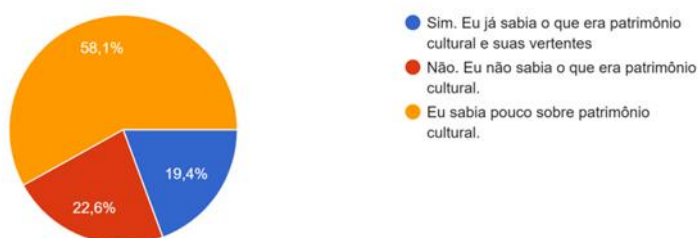


Esta proposta pedagógica transcende os limites da sala de aula, alinhando-se com o conceito de cidade educadora apresentado por Gadotti, Padilha e Cabezudo (2004). Os autores defendem que os ambientes urbanos, marcados pelas interações humanas, são intrinsecamente espaços de aprendizagem. Essa visão ressoa com Miranda e Siman (2015), que entendem a cidade como um espaço de vivências educativas, onde se constroem experiências e memórias. A estrutura urbana, assim, fornece referenciais espaciais e temporais que moldam trajetórias pessoais e comunitárias, convertendo logradouros públicos em locais de afeto e preservação cultural.

Jaqueline Moll (2009) reforça que entender a cidade como um território dinâmico, carregado de memória e afetos, é fundamental para reconhecer sua influência na formação identitária dos grupos sociais. Desse modo, habitar o espaço urbano torna-se um ato político e pedagógico. Concebê-lo como ambiente de formação e prática cultural opõe-se à sua mercantilização, crítica destacada por Ermínia Maricato (2015), que alerta para a conversão do solo urbano e da moradia em commodities, subjugando o direito à habitação à lógica do capital imobiliário - ideia que pudemos evidenciar na fala do aluno já mencionada. Diante disso, a educação patrimonial deve ter um caráter libertador, problematizando as estruturas urbanas e os impactos das políticas de preservação de bens arquitetônicos (Scifoni, 2022).

Alguns dias após o passeio, aplicou-se um formulário virtual para registrar as percepções dos/das estudantes. Por se tratar de um estudo inicial, notou-se a necessidade de maior precisão na coleta de dados e reformulação de alguns aspectos da pesquisa e pela aplicação do formulário em sala, garantindo maior número de respostas. Ainda assim, a mediação foi percebida como positiva pelos/as participantes. Após a mediação, 31 dos 60 estudantes responderam o questionário sobre seus conhecimentos a respeito do patrimônio cultural: 58,1% disseram saber pouco sobre patrimônio cultural antes da realização da mediação; 22,6% não sabiam nada; 19,4% já tinham algum conhecimento; 100% afirmaram que a mediação (palestra) transmitiu claramente o conceito de patrimônio cultural; 77,4% se sentiam pertencentes a um grupo; sobre o material utilizado (gibi), 90,3% gostaram do material, 3,2% acharam cansativo e 6,5% gostaram, mas acreditam que poderia melhorar (conforme figura 9).

Você já tinha conhecimento prévio sobre patrimônio cultural?  
31 respostas



Você acredita que a palestra foi explicita na transmissão do que é patrimônio cultural?

[Copiar gráfico](#)

31 respostas

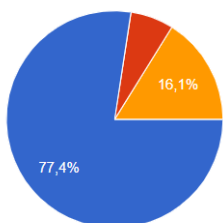


● Sim, eu entendi o conceito do patrimônio cultural.  
● Não, não entendi o conceito do patrimônio cultural.

Após a palestra, você sentiu-se mais pertencente a um grupo? (sua família, escola, cidade, comunidade...)

[Copiar gráfico](#)

31 respostas

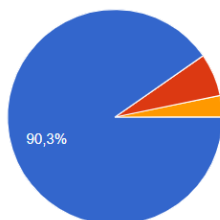


● Sim, eu me senti pertencente a minha família/comunidade/cidade/escola.  
● Não, eu não me senti pertencente a nenhum grupo.  
● Não sei dizer.

Você achou a apresentação através do gibi interessante?

[Copiar gráfico](#)

31 respostas



● sim, achei interessante o uso do gibi.  
● sim, mas poderia melhorar a apresentação.  
● não, achei cansativo.  
● não, achei confuso.

**Figura 9** - Respostas ao formulário aplicado após mediação.  
**Fonte:** Formulário Google Forms, autoral, 2023.

Por outro lado, 16,1% não souberam dizer se se sentiam pertencentes a um grupo, e 6,5% não se sentiram pertencentes. Na pergunta “algum conceito apresentado na palestra poderá ser usado em seu trabalho/escola? Se sim, qual?” Apenas 12 estudantes responderam, o que também demonstra a fragilidade do formulário virtual pela pouca adesão, demonstrando a necessidade de outros métodos para aplicação ou reformulação da pergunta, ou abordagem.

As entrevistas foram realizadas com apenas três estudantes, que se interessaram em participar da gravação, foram realizadas de forma individual em vídeo para redes sociais, as perguntas estavam relacionadas ao que eles acharam do passeio e das atividades. As perguntas na entrevista foram relacionadas à mediação como um todo (gibi e passeio), com as perguntas “O que você achou? O que você mais gostou?”. As respostas foram positivas e reforçaram o fato dos/das alunos/as terem conhecido “coisas que nem sabia que tinha em Cuiabá”. O ponto mais mencionado foi a visita à

mesquita muçulmana, por ser uma religião pouco presente entre os estudantes, mas de grande importância histórica na formação da cidade. O baixo número de respostas à entrevista pode estar relacionado à vergonha de serem gravados em vídeo, por esse motivo, próximas mediações devem contar com outras abordagens.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sumariamente, a partir desta primeira experiência realizada no IFMT, nota-se, ao mesmo tempo, a grande participação e interesse dos/as estudantes com o método escolhido, bem como a necessidade de ajustes na coleta e análise de dados, pois, como observado, apenas 31 dos 60 estudantes responderam ao formulário solicitado, sendo que algumas perguntas não foram respondidas. Através desses estudos, foi notória a presença do discurso autorizado na fala dos estudantes, ao relatarem os bens culturais como bens não relacionados ao seu cotidiano no início da mediação, além disso, percebe-se o discurso de progresso atrelado ao apagamento histórico e à realização de novas obras na cidade que vincula a ocupação urbana ao capital quando um dos alunos fala sobre poder derrubar edificação se ele for bem pago.

Outro fato a ser considerado foi que os espaços que foram visitados foram escolhidos pelo professor previamente, sem a participação dos alunos, entretanto, na busca de uma educação patrimonial verdadeiramente participativa, se torna importante adaptar o roteiro para integrar os/as estudantes na escolha dos espaços, promovendo assim uma mediação mais horizontal, que ultrapassa também a visão do professor como jardineiro ou escultor, que toma as decisões pelos estudantes.

Além disso, após a divulgação dos vídeos gravados durante a mediação nas redes sociais, houve o interesse de outras instituições de ensino em aplicar as mesmas atividades em turmas de diferentes idades, que acarretou na criação da Ação em projeto de extensão na Universidade Federal de Mato Grosso em educação patrimonial em 2023<sup>8</sup>, isso evidencia o interesse e a necessidade da realização de atividades vinculadas à educação patrimonial nos ambientes formais e informais de ensino, reforçando a relevância deste campo de pesquisa de maneira inclusiva e participativa para a salvaguarda do patrimônio cultural.

Por fim, é fundamental continuar investigando novas abordagens e metodologias que tornem a educação patrimonial mais inclusiva para diferentes públicos. A experiência com o uso do gibi e a visita guiada ao centro, juntamente com as reflexões geradas neste estudo, evidenciam a importância

---

<sup>8</sup> O projeto de extensão “Ações Relacionadas à Preservação do Patrimônio Cultural de Mato Grosso”, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Mato Grosso- UFMT, apresenta o grupo de extensão em educação patrimonial, que realiza diversas atividades de mediação de educação patrimonial em ambientes formais e informais de ensino, com distintos públicos alvos desde 2023.



de envolver os/as estudantes de forma ativa no processo, contribuindo para a conscientização e preservação do patrimônio cultural. Além disso, essa abordagem fomenta uma análise mais crítica das transformações urbanas. Assim, espera-se que futuras iniciativas ampliem essa prática educativa, promovendo uma conexão mais profunda entre as comunidades e seus patrimônios, fortalecendo a identidade cultural e o exercício da cidadania.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. C.; DEUS, J. A. S. 2023. Gestão, uso e educação patrimonial: patrimônio de quem e para quem?. **Élisée - Revista de Geografia da UEG**, Goiás, v. 12, n. 1, p. e121233, 2023.
- AMARAL, C.N.; COELHO-DE-SOUZA, G.; SCHUCH, I.; SOUZA, M. Contribuições da produção de autoconsumo em quintais para a segurança alimentar e nutricional e renda em Jangada, Baixada Cuiabana, MT. **Guaju**, v. 2, n. 1, 2016.
- BARROS, C. H. Ensino de história, memória e história local. **Revista de História da UEG**, v. 2, n. 1, p. 301-321, 2013.
- BRASIL - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Educação Patrimonial**: currículo, conceito e temas, 2023. Brasília: IPHAN. Disponível em: <https://www.escolavirtual.gov.br/curso/971>. Acesso em: 5 jun. 2023.
- CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-147, 2005.
- DE MATTOS, G. **Desmontando os quadrinhos**: História em quadrinhos, educação e regionalidade. Cuiabá: EdUFMT, 2009. 255p.
- DE OLIVEIRA, T. D.; MÜLLER, J. T. R. V.; WILDNER, G. S.; LOPES, C. E. J. Educação e Arquitetura: a educação patrimonial preservando o patrimônio arquitetônico. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 13, n. 2, p. 577-588, 2019.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. 256p.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 144p.
- GADOTTI, M.; PADILHA, P. R.; CABEZUDA, A. **Cidade Educadora**: Princípios e Experiências. São Paulo: Cortez Instituto Paulo Freire; Buenos Aires: Ciudades Educadoras América Latina, 2004. 160p.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2012. 176p.
- GONZALES, J. G.; BEL, J. S. El valor estructurante del patrimonio en la transformación del territorio. **Apuntes**, v. 22, n. 1, p. 20-33, 2009.
- GUERRA, L. B. O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia os desafios e possibilidades. **Revista Interlocução**, v. 4, n. 4, p. 3-12, 2011.

GUIMARÃES, M. B. T. **A Saga de Preservação do Patrimônio Urbano de Cuiabá/MT: políticas públicas nas tensões entre progresso e preservação.** 2023. 229 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2023.

LEITE, E. P.; MAGALHÃES, E. M.; BARROS, M. M. G. C. Conectividade da lousa sigital interativa e objeto de Aprendizagem para ensino de matemática. Rio Grande do Sul: **Educação Matemática em revista**, n. 20, v. 2, p. 171-178, 2019.

MARICATO, E. **Para entender a crise urbana.** São Paulo: Expressão Popular, 2015. 112p.

MAZINE, T. R. **TLEC: uma viagem pelo patrimônio cultural de Cuiabá.** 2022. 209 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2022.

MARTINS, I. T. E. **Representação do patrimônio cultural brasileiro pela ótica das relações raciais: uma avaliação das narrativas estatais.** 2022. 290 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) - Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

MIRANDA, S. R. de; SIMAN, L. M. de C. **Cidades, memória e educação.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013. 424p.

MOLL, J. Um paradigma contemporâneo para a Educação Integral. Pátio, **Revista Pedagógica**, n. 51, p. 12-15, 2009.

MURPHY, D. **Martin Buber's philosophy of education.** Dublin: Irish Academic Press, 1988. 10p.  
OLIVEN, R. Patrimônio intangível: considerações iniciais. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

SCIFONI, S. **Patrimônio e educação no Brasil: O que há de novo?.** Educação & Sociedade, v. 43, 2022.

SANTOS, M. S. S. Educação e Patrimônio: uma construção da Identidade. **Fórum Identidades**, v. 2, n. 1, p. 49-60, 2007.

SANTOS, M. S.; RAMOS, M. D. de M.; OLIVEIRA, A. M. B. de. História local e educação patrimonial: uma proposta de intervenção. **Educação: Teoria e Prática**, v. 34, n. 67, p. e24, 2024.

SCHWARCZ, M. L. **Imagens da branquitude: a presença da ausência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2024. 432p.

SMITH L. Desafiando o Discurso Autorizado do Patrimônio. **Caderno virtual de Turismo**, v. 21, n. 2, p. 140-154, 2021.

TUNES, E.; TACCA, M. C.; JÚNIOR, R. S. B. O professor e o ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, p. 689-698, 2005.